

São Paulo, 20 de agosto de 2013
Em meio ambiente devo ser eficiente ou eficaz?

Por Alexandre Yokote

Há poucos dias enquanto lecionava numa aula de graduação da Farmácia Bioquímica numa grande Universidade Pública, especificamente numa aula introdutória sobre qualidade ambiental, algo feito já há 8 anos, vejo que mesmo com todo o trabalho cultural na sociedade, RIO+20, Dona Marina Silva, selos verdes e outras iniciativas e figuras ambientais, ainda vejo a Geração Y como uma grande oportunidade de melhoria na conscientização ambiental.

Ano após ano, concluo que o parâmetro ambiental ainda é muito negligenciado frente ao parâmetro "custo". Talvez seja uma fase da vida, onde uma grande parte é consumista de imagem e outra conta moedas para poder atender suas necessidades. Culturalmente há mudanças de geração após geração, dos babies boomers, passando pelo X e agora o Y, mas o entendimento da qualidade ambiental ainda necessita de um bom trabalho a passos largos, a diferença é que cada vez mais o embasamento científico se sobressai aos desejos celestiais, meio que acompanhando a própria evolução da visão matemática sobre riscos. Agora matematicamente começamos a ver as limitações do planeta e as possibilidades de catástrofes, mas ainda na tomada de decisão parece que seguimos algo como a Pirâmide de Maslow.

A solução? Ainda não dá para fugir da sensibilização para com o planeta e medidas de comando e controle. Mas e essa sensibilização? É falar do mico leão? Não, a sensibilização precisa ser iniciada com o entendimento de que nós somos parte do Sistema Meio Ambiente, lembrando que o mais importante em sistemas não são seus elementos e sim a interação entre os elementos.

Depois que entendemos nosso papel no planeta precisamos falar em poder de escolha, e assim entra a importância em se definir o que é qualidade. "Não sei o que é, mas sei quando vejo", não é um ditado longe da realidade, pois realmente é difícil definir qualidade de uma forma entendível, bem como e mais importante, a qualidade é diferente de indivíduo para indivíduos, pois está relacionada ao que valorizamos.

Uma das bases técnicas da qualidade é "atender necessidades das partes interessadas", portanto qualidade ambiental é atender necessidades para com o meio ambiente e correlacionando, podemos interpretar como atender as necessidades com um mínimo de danos ao planeta de modo que não caíamos novamente no Paradoxo do Desenvolvimentismo, onde buscávamos qualidade de vida por meio de um padrão de desenvolvimentismo que em consequência denigria a qualidade de vida. Opa!! Mas o que é qualidade de vida? É consumir, é ter saúde, é ter uma local seguro, uma paisagem monumental, Em sustentabilidade, no mínimo a igualdade de acesso ao consumo, cultura e saúde para nós e às futuras gerações.

Captado um pouco do contexto de qualidade, devemos entrar no entendimento sobre EFICIÊNCIA e EFICÁCIA. Em processos, bens e serviços: eficiência é uma relação entre o consumo de recursos e a entrega de produto planejado, enquanto que eficácia é um nível de atendimento ao planejado.

Em gestão ambiental buscamos consumir menos recursos e gerar menos rejeitos, ou seja, ser eficientes. Eficácia normalmente se prendia aos tratamentos de poluentes para atender limites legais. Mas hoje, além do tradicional conceito de ECOEFICIÊNCIA "gerar mais valor com menos impacto ambiental", temos a nova ECOEFICÁCIA que é baseada em metas de consumo zero de recursos naturais e geração zero de rejeitos. Trata-se de uma evolução, visto que apenas ser ecoeficiente é limitado, já que desejamos prosperar e outros também, e dessa forma o consumo de recursos e geração de rejeitos em valores absolutos só tende a aumentar.

Mas como chegar nas metas ZERO? A ecoeficácia prega a sinergia (Ecologia industrial) entre as unidades de produção, consumo e o planeta, correlacionando os ciclos de produção e consumo com os ciclos naturais. O rejeito de um é a matéria prima de outro e vice-versa. "Gerar valor sem impacto ambiental"